

Incidência do *Bullying* nos Cursos de Administração e Ciências Contábeis

Kellma Bianca Cardoso Fonseca

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG – Brasil

Marina Dibo Micucci

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG – Brasil

Patrícia de Souza Costa

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG – Brasil

Sirlei Lemes

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia – MG – Brasil

Nálbia de Araújo Santos

Universidade Federal de Viçosa – Viçosa – MG – Brasil

Jacqueline Veneroso Alves da Cunha

Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte – MG - Brasil

Resumo

O objetivo desta pesquisa é analisar a ocorrência do *bullying* nos cursos de Ciências Contábeis e Administração de duas universidades públicas mineiras. O procedimento de pesquisa foi um *survey* e o instrumento de coleta de dados foi respondido por 773 alunos matriculados nesses cursos em 2014. Os resultados desta pesquisa sugerem maior incidência do *bullying* entre os estudantes do sexo masculino; maior ocorrência dessa prática na sala de aula; que o *bullying* é confundido com uma brincadeira; que a maioria dos agressores acredita que a prática do *bullying* é engraçada e a maioria das testemunhas finge não ver as agressões, pois sente medo de passar a ser o alvo delas. Infere-se que a reflexão, a prevenção e o combate do *bullying* precisam acontecer também no ensino superior, principalmente, com o auxílio de profissionais das áreas de Educação e Psicologia.

Palavras-Chave: *bullying*; ensino superior; pesquisa.

The incidence of Bullying in Business Administration and Accounting Courses

Abstract

The objective of this research is to analyze the occurrence of bullying in the courses of Accounting and Administration of two public universities in Minas Gerais. The research procedure was a survey and the data collection instrument was answered by 773 students enrolled in these courses in 2014. The results of this research suggest a higher incidence of bullying among male students; greater occurrence of this practice in the classroom; the bullying is mistaken for a joke; the most part of the perpetrators believe that bullying is funny and the most part of the witnesses pretend not to see aggression because they are afraid of becoming their target. It is inferred that the reflection, prevention and combat of bullying must also happen in higher education, especially with the help of professionals in the areas of Education and Psychology.

Keywords: *bullying*; higher education; aggressor; research.

Incidencia del *Bullying* en los Cursos de Administración y Ciencias Contables

Resumen

El objetivo de esta investigación es analizar la incidencia del *bullying* en los cursos de Ciencias Contables y Administración de dos universidades públicas mineras. El procedimiento de investigación fue un *survey* y el instrumento de recolecta de datos fue respondido por 773 alumnos ingresados en esos cursos en 2014. Los resultados de esta investigación enseñan más incidencia del *bullying* entre los estudiantes del sexo masculino; más incidencia de esa práctica en la sala de clase; que el *bullying* es confundido con una broma; que gran número de los agresores cree que la práctica del *bullying* es graciosa y la mayoría de los testigos finge no ver las agresiones, pues siente miedo de pasar a ser el blanco de ellas. Se deduce que la reflexión, la prevención y el combate del *bullying* necesitan suceder también en la enseñanza universitaria, principalmente con la ayuda de profesionales de las áreas de Educación y Psicología.

Palabras Clave: *bullying*; enseñanza universitaria; investigación.

Introdução

O *bullying* é considerado um problema de grande proporção, presente nas escolas e na sociedade, independente de raça, religião ou classe social (Leão, 2010). Esse fato está presente nas instituições de ensino há tempos, no entanto, somente a partir da década de 1990, começou a fazer parte dos estudos científicos (Geronasso & Ens, 2012). Os pesquisadores estão atentos para esse fenômeno, preocupados com o seu crescimento e, principalmente, com os danos causados aos estudantes no processo de ensino-aprendizagem (Nogueira, 2007).

As características do *bullying* são atitudes agressivas, intencionais e repetitivas sem motivo aparente (F. Silva, 2010). Insultar, usar apelidos cruéis, intimidar, hostilizar e ridicularizar são algumas manifestações do comportamento dos *bullies* (Fante, 2005). Esses atos podem ocorrer de maneira direta ou indireta, por meio de agressões virtuais, verbais, sexuais, psicológicas e físicas (Silva, 2006).

Os envolvidos na prática de *bullying* podem ser descritos como sendo o agressor, a vítima e a testemunha (Neto, 2005). A. Silva (2010) revela que alguns alunos, denominados de testemunhas, tentam se manter afastados do comprometimento direto, mas participam das práticas de *bullying* de forma indireta como expectadores. Essa autora afirma que, por distintos motivos, a maioria das testemunhas finge não ver as agressões, pois sente medo de passar a ser o alvo. Já os agressores ou praticantes do *bullying* protagonizam atitudes que envolvem abuso de poder sem motivo aparente (Lisboa, Braga, & Ebert, 2009).

Caran, Sêcco, Barbosa e Robazzi (2010) apontam que escolas, universidades e institutos, mesmo sendo centros de excelência de ensino e de pesquisa, tendem a ser ambientes em que existem situações perversas entre as pessoas e grupos, podendo ocorrer *bullying*. Para Fante (2005), o *bullying* pode interferir no processo de ensino e aprendizado, uma vez que causa medo, angústia, constrangimento e raiva reprimida. Em virtude do crescimento dessas práticas, as instituições de ensino, em todo o mundo, têm formulado ações e medidas para tentar minimizar as consequências dessa conduta (Rigby, 2007).

Para contribuir com a discussão sobre o tema, esta pesquisa tem por objetivo analisar a incidência do *bullying* nos cursos de Ciências Contábeis e Administração de duas universidades públicas mineiras. Participaram da pesquisa 773 alunos matriculados no segundo semestre letivo de 2014. Realizou-se a coleta de dados por intermédio de questionário elaborado com base nos estudos de Freire, Simão e Ferreira (2006), Fante e Pedra (2008), Rolim (2008) e Raimundo e Seixas (2009).

Pesquisadores, autoridades públicas, instituições de ensino e a sociedade podem, a partir dos resultados desta pesquisa, planejar formas de prevenir e combater o problema. A prática do *bullying* “traz inúmeros desafios para a escola e, por conseguinte, para a Psicologia Escolar e Educacional, marcada que está pelo interesse por aspectos que se interpoem ao processo de ensino-aprendizagem” (Canavêz, 2015,

p. 275). Além disso, são escassas as pesquisas sobre o tema no Brasil (Stelko-Pereira & Williams, 2012), principalmente a ocorrência desse fenômeno no ensino superior (Silva & Mascarenhas, 2010), o que ressalta a relevância desta pesquisa.

O número de vagas para ingresso nos cursos de Ciências Contábeis e Administração tem aumentado por serem cursos de baixo custo de implantação e de operacionalização (Souza, 2009). Por outro lado, a evasão nesses cursos é alta e tem aumentado ao longo dos anos (Cunha, De Luca, Lima, Cornacchione Jr., & Ott, 2015), suscitando pesquisas com a intenção de mapear as variáveis motivadoras dessa evasão (Cunha & cols., 2015; Campos, Machado, Miranda, & Costa, 2015). Uma variável que pode estar associada à evasão escolar e ao baixo rendimento acadêmico, mas que ainda não foi pesquisada para os cursos de Ciências Contábeis e Administração no Brasil, de acordo com a literatura consultada, é o *bullying* (Silva & Morgado, 2011; Prim & Fávero, 2013). Assim, os resultados deste estudo podem ser úteis para o combate e a prevenção do *bullying*, o que pode resultar na melhoria do aprendizado dos estudantes e na redução da evasão escolar.

Referencial Teórico

A origem da palavra *bullying* é o termo inglês *bully*, cuja tradução literal é valentão, tirano (Gomes & Rezende, 2011). O *bullying* ocorre quando uma pessoa é exposta a um conjunto de atitudes agressivas, sem motivo aparente, de forma intencional e repetitiva, por um ou mais agressores (Lisboa & cols. 2009). Chutar, empurrar, colocar apelidos e “zoações” são algumas das ações que caracterizam o *bullying* (Gomes & Rezende, 2011). Há uma relação desigual entre o agressor e a vítima, pois o agressor exerce o poder sobre a vítima, que se sente intimidada e humilhada pelo constrangimento e exposição a que é submetida (Leão, 2010).

O *bullying* também é conhecido, em países como Noruega, Dinamarca, Suécia, Finlândia, como assédio moral ou *mobbing* (Calhau, 2010). No entanto, Fante e Pedra (2008) argumentam que o assédio moral ou *mobbing* são formas de violência que acontecem na fase adulta e que, na maioria das vezes, são consequências do envolvimento com o *bullying* na época escolar. O assédio moral no trabalho também é conhecido como provocação ou assédio psicológico, sendo uma prática antiga, tanto quanto a institucionalização do trabalho (Salvador, 2002).

Neto (2005) define os envolvidos no ato de agressões como autor ou praticante de *bullying* (agressor), alvo de *bullying* ou vítima e testemunha. Lima e Lucena (2009) classificam as vítimas como típicas ou provocativas. Para esses autores, as vítimas típicas são tranquilas, tímidas, sensíveis, inseguras, fisicamente frágeis e com baixa autoestima. As vítimas provocativas, normalmente, são hiperativas, inquietas e agressivas. Por outro lado, Neto (2005) distingue as atitudes das testemunhas como auxiliares, quando participam ativamente da agressão; incentivadoras,

que estimulam o autor; observadoras, quando somente observam e não tomam a iniciativa de impedir as atitudes do agressor, e defensoras, as que protegem as vítimas.

A prática do *bullying* pode ser de forma direta ou indireta (Silva, 2010). Exemplos da forma direta são a agressão

física e a sexual e, da forma indireta, o *bullying* verbal. A vítima, geralmente, recebe vários tipos de maus tratos, que podem ser expressos de diferentes maneiras, conforme exposto na Figura 1.

Tipos	Descrição
Físico e material	Bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, beliscar, roubar, furtar, destruir os pertences da vítima e atirar objetos contra a vítima.
Psicológico	Irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar ou fazer pouco caso e discriminar.
Sexual	Abusar, violentar, assediar e insinuar.
Verbal	Insultar, ofender, falar mal, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas e “zoar”.
<i>Cyberbullying</i>	Caluniar e maldizer, pela utilização de aparelhos e equipamentos de comunicação.

Figura 1. Tipos de prática de Bullying. Fonte: Elaborado com base em Silva (2010).

Segundo Belsey (2005), o *cyberbullying* ou *bullying* virtual propaga-se por meio do uso de *e-mails*, telefones, mensagens, fotos tendenciosas expostas na rede, caracterizado por comportamentos repetidos de um indivíduo ou um grupo, com o objetivo de humilhar e expor a pessoa. Assim, essa prática é considerada a forma mais cruel de *bullying*, pois a circulação das notícias nos meios virtuais é veloz (Azevedo, Miranda, & Souza, 2013). Para esses autores, a *internet* garante o anonimato dos agressores, tornando-se, portanto, difícil a proteção das vítimas, agravando a relevância dos atos e tornando as consequências do *cyberbullying* mais difíceis de serem controladas, se comparadas às outras formas de *bullying* (Silva & Mascarenhas, 2010).

Fante (2005) afirma que o *bullying* afeta todos os envolvidos, acarretando problemas físicos e emocionais de curto e longo prazo. Por exemplo, a vítima estará propensa a manifestar reações de natureza psicossomática, tais como cefaleia, ansiedade, estresse, depressão, tendências suicidas, reações extrapsíquicas, como agressividade, impulsividade e hiperatividade. As vítimas têm dificuldades de se relacionar com outras pessoas, pois se sentem inferiores e sofrem caladas, na maioria das vezes (Silva, 2006).

Segundo Guimarães e Paula (1992), a atmosfera escolar juntamente com os educadores podem ser considerados como prováveis responsáveis pela disseminação do *bullying*. Isto pode ocorrer por meio de ações como a imposição de conteúdos, a pressão a partir do poder de conferir notas, a ignorância quanto aos problemas dos alunos, o tratamento pejorativo, incluindo as agressões verbais e a exposição do aluno ao ridículo, no caso de incompreensão a algum conteúdo de ensino.

As crescentes agressões praticadas pelos *bullies*, no ambiente escolar, que não são punidas podem se estender para fora das escolas, atingindo famílias e a sociedade (Neto, 2005). Portanto, a violência gerada pelo *bullying* é uma

ameaça ao processo educacional, à saúde pública e à vida do indivíduo (Marta, Garcia, & Vecchiatti, 2013). Os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico, por sua vez, estabelecem uma relação direta para obtenção de um melhor nível de aprendizado (Neto, 2005). Nesse sentido, cabe à instituição escolar abordar temas que causam desconforto aos seus alunos, principalmente quanto à violência, às possíveis formas de sua prevenção e às prováveis repercussões no desenvolvimento da criança e do adolescente (Marriel, Assis, Avance, & Oliveira, 2006).

As práticas de *bullying* no ambiente acadêmico são admitidas como naturais, sendo ignorados ou pouco valorizadas (Neto, 2005). De acordo com Miranda e cols. (2012), o *bullying* nas instituições de ensino superior merece uma atenção especial, embora se acreditasse que estudantes universitários apresentariam maior capacidade de defesa. Para esses autores, um exemplo bem conhecido de *bullying* é o trote universitário que, mesmo quando ocorre de forma solidária, pode forçar a vítima a tolerar a atividade para não ganhar a antipatia do grupo. Lima e Lucena (2009) afirmam que as universidades vêm tentando diversas alternativas para a recepção dos novos alunos, porém situações de grande violência ainda são vistas. “Um dos casos que ganhou grandes proporções na mídia foi o de um estudante que morreu afogado durante trote realizado na piscina do campus da Faculdade de Medicina da USP em 1999” (Miranda & cols., 2012, p. 115). O ambiente de ensino deve ser propício para a convivência em sociedade, o respeito ao próximo e o respeito aos limites inerentes à vida social (Marta & cols., 2013), o que não se alinha com o trote frequentemente praticado no ensino superior.

A prática do *bullying* também pode ser motivada pelo racismo (Secundo, 2007). Esse autor descreve o caso ocorrido no Brasil, em 2007, quando supostos vândalos atearam fogo à porta do alojamento de quatro alunos africanos na

Casa do Estudante Universitário, na Universidade de Brasília. Miranda e cols. (2012), utilizando uma amostra de 456 alunos da Universidade Federal de Rondônia, identificaram casos envolvendo *bullying* racial, ofensas com relação à cor/raça dos estudantes, em 4,3% dos entrevistados.

Caran e cols. (2010) revelam que as escolas, universidades e institutos tendem a ser ambientes onde existem situações perversas entre as pessoas e os grupos, podendo ocorrer *bullying*. A violência no meio acadêmico e suas consequências são cada vez mais comuns entre as pessoas, com rápidas repercussões no mundo virtual. Isto se deve, principalmente, ao aumento da tecnologia, pois, com os meios de comunicação virtuais surge o *cyberbullying*.

As consequências provocadas pelo *bullying* à saúde são descritas por Nascimento (2003) como, por exemplo, reações psicopatológicas, ansiedade, problemas de concentração, depressão, pensamentos repetitivos e confusos, esquecimentos constantes, ideias suicidas. As psicossomáticas, ainda segundo o autor, podem ser hipertensão arterial, crise de asma, palpitações cardíacas, taquicardia, doenças do coração, inflamações na pele, perda de cabelo, dores generalizadas no corpo, perda de equilíbrio corporal, enxaquecas, dentre outras. Assim, por seus efeitos físicos e psicológicos é que o tema deve ser mais estudado como meio de se desenvolver políticas públicas.

Procedimentos Metodológicos

Neste estudo exploratório utilizou-se a estratégia de levantamento ou *survey*. O questionário utilizado contemplou questões que permitiram avaliar o *bullying* sob a perspectiva das vítimas, dos praticantes e das testemunhas. As questões eram fechadas e estavam divididas nas seguintes seções: 1) caracterização dos respondentes; 2) quadro com caracterização do *bullying*; 3) questões específicas para as vítimas; 4) questões específicas para os praticantes; e 5) questões específicas para as testemunhas.

Na primeira seção se caracterizaram os respondentes por meio das informações sobre: curso, período, idade, gênero, orientação sexual e etnia. Em seguida, foi apresentado o quadro de caracterização do *bullying* com situações que qualificam seus tipos, conforme exposto na primeira coluna da Figura 2. Essas circunstâncias foram dispostas em ordem alfabética no questionário. Os estudantes deveriam informar quais dessas situações vivenciaram como praticantes, vítimas ou testemunhas ou se nunca as vivenciaram. Ressalta-se que os respondentes poderiam marcar mais de uma opção, podendo se enquadrar como vítima, praticante e testemunha de *bullying*, em momentos distintos.

As situações apresentadas na primeira coluna da Figura 2 foram segregadas por tipo de *bullying* (segunda

Situações	Tipos	Autores
1. Entrar na conta de <i>e-mail</i> de outra pessoa e enviar aos contatos <i>e-mails</i> insultuosos.	Cyberbullying	Rolim (2008)
2. Enviar SMS ou <i>e-mail</i> com o intuito de ameaçar ou insultar.		
3. Partilhar na <i>internet</i> informações íntimas de outra pessoa.		
4. Enviar ou postar mentiras sobre outra pessoa.		
5. Ofender pela <i>internet</i> ou telefone.		
6. Excluir colegas de jogos ou grupos <i>online</i> .		
7. Colocar fotos comprometedoras de outra pessoa na <i>internet</i> sem autorização.		
8. Assediar sexualmente.	Sexual	Freire e cols. (2006)
9. Humilhar por causa da opção sexual.		
10. Colocar apelidos vexatórios.	Verbal	Freire e cols. (2006)
11. Fazer com que os outros não gostem de alguém.		Fante e Pedra (2008)
12. Insultar por causa de alguma característica física.		Rolim (2008)
13. Zoar o sotaque, causando constrangimento.		
14. Insultar por causa da cor ou raça.	Racial	Rolim (2008)
		Freire e cols. (2006)
15. Dar socos, pontapés ou empurrões.	Material e Físico	Fante e Pedra (2008)
16. Pegar, sem consentimento, dinheiro ou coisas.		Rolim (2008) Raimundo e Seixas (2009)
17. Perseguir dentro ou fora da faculdade.	Psicológico	Freire e cols. (2006)
18. Ameaçar.		Fante e Pedra (2008)
19. Não deixar fazer parte do grupo.		Rolim (2008)

Figura 2. Quadro de caracterização do bullying - classificação por tipo.

coluna da Figura 2). Para essa segregação, foi utilizada a classificação sugerida por Silva (2010), exposta na Figura 1. Na terceira coluna da Figura 2, são apresentados os estudos que serviram de base para a elaboração dos questionários desta pesquisa. Esses autores analisaram o *bullying* no ensino médio ou fundamental. Em decorrência disso, algumas adaptações foram realizadas como, por exemplo, na ques-

ção 17, em que a palavra 'escola' foi substituída pela palavra 'faculdade'.

As perguntas a serem respondidas estão representadas na Figura 3, sendo separadas pela classificação como vítima, praticante e testemunha. Essas questões foram elaboradas com base nos trabalhos de Freire e cols. (2006), Fante e Pedra (2008) e Rolim (2008).

Classificação	Perguntas
Vítima	<ul style="list-style-type: none"> • Quantas vezes as situações em que você foi Vítima ocorreram? • Como você se sentiu quando foi Vítima dessas situações? • Quando ou onde ocorrem essas práticas de <i>bullying</i>? • O <i>bullying</i> que você sofreu afetou o seu rendimento acadêmico? • A Universidade/ Faculdade oferece algum suporte para as vítimas de <i>bullying</i>? • O que você fez quando sofreu <i>bullying</i> na Universidade? • A Universidade/ Faculdade oferece programas preventivos da prática de <i>bullying</i>?
Praticante	<ul style="list-style-type: none"> • Quantas vezes as situações em que você foi praticante ocorreram? • A pessoa que foi vítima da sua Prática de <i>bullying</i> era: Do sexo feminino ou masculino? Aluno ou professor? • O fato de ter Praticado situações de <i>bullying</i> afetou o seu rendimento acadêmico? • O que você sentiu quando praticou alguma das ações apresentadas no Quadro de caracterização do <i>bullying</i>? • O que te levou a ter esses comportamentos com seus colegas ou professores? • Quando ou onde ocorreram essas práticas de <i>bullying</i>? • Alguém conversou com você sobre o episódio que ocorreu entre você e seus colegas/professores? • Por que você acha que alguns alunos praticam o <i>bullying</i> com colegas/professores? • Por que você acha que alguns professores praticam o <i>bullying</i> com alunos?
Testemunha	<ul style="list-style-type: none"> • Quantas vezes você testemunhou as práticas descritas no Quadro de caracterização do <i>bullying</i>? • O praticante, neste caso, era: do sexo feminino ou masculino? Aluno ou professor? • A vítima, neste caso, era: do sexo feminino ou masculino? Aluno ou professor? • Quando ou onde ocorrem essas práticas de <i>bullying</i>? • O que você fez quando viu um colega sendo vítima de alguma das situações apresentadas no Quadro de caracterização do <i>bullying</i>? • O fato de ter presenciado situações de <i>bullying</i> afetou o seu rendimento acadêmico?

Figura 3. Questões por grupo de respondente.

Foi realizado um pré-teste do questionário no primeiro semestre letivo de 2014 com o intuito de verificar possíveis melhorias. Participaram do pré-teste doze alunos do curso de graduação em Ciências Contábeis e três docentes desse curso. As sugestões foram incorporadas à versão final do instrumento de pesquisa.

A versão final do questionário foi aplicada em sala de aula no segundo semestre de 2014. Participaram da pesquisa 773 discentes matriculados do 1º ao 10º período dos cursos de Administração e Ciências Contábeis dos períodos integral e noturno de duas universidades públicas mineiras (Tabela 1).

Tabela 1. Amostra da pesquisa.

Curso	Administração		Ciências Contábeis		Total	
Número de respondentes	368	33%	405	40%	773	36%
Total de alunos matriculados no 2º Sem./2014	1.103		1019		2.122	

Premissas do Estudo

Devido ao fato desta pesquisa ser do tipo exploratória, com abordagem qualitativa, o que impossibilita a realização de testes estatísticos e a generalização dos resultados, são apresentadas premissas teóricas ao invés de hipóteses de pesquisa.

Silva e Morgado (2011) constataram que os homens praticam mais *bullying* do que as mulheres. Silva, Pereira, Mendonça, Nunes e Oliveira (2013) concluíram que o sexo masculino se destaca com o maior número de agressores, manifestando-se por meio de agressões físicas e insultos. De forma similar, Mahmud, Bakar e Djaffri (2014) encontraram que tipos de *bullying* como físico, verbal e *cyberbullying* são significativamente diferentes em relação ao gênero masculino e feminino. Dessa forma, são especificadas as seguintes premissas de pesquisa:

P₁. Os estudantes do sexo masculino praticam mais *bullying* do que as estudantes do sexo feminino.

P₂. Os homens praticam mais *bullying* verbal, físico e material do que as mulheres.

De acordo com Silva e Mascarenhas (2010), uma das principais causas da ausência de estudos sobre *bullying* no ensino superior é o fato de que este não é visto como um tipo de violência, mas como uma brincadeira entre colegas de curso. Para Lisboa e cols. (2009), *bullying* e brincadeiras são fenômenos distintos: enquanto as brincadeiras são menos graves, o *bullying* causa sofrimento para qualquer um dos envolvidos. Villaça e Palácios (2010) entrevistaram discentes e docentes de um curso de Medicina e identificaram que, apesar desses participantes relatarem abusos (violência) de caráter tanto verbal, como físico, no trote, eles não percebem tais situações como *bullying*. Uma possível explicação para alunos e professores perceberem como banal, trivial ou como brincadeira a ocorrência do *bullying* é a “ausência de reflexão sobre o tema, um certo sentimento de impotência, por um lado, e a negação, por outro” (Villaça & Palácios, 2010, p. 512). Em decorrência disso, é rara a “denúncia de violência, uma vez que esta ameaçaria a lealdade e a coesão do grupo, com ameaças potenciais de ostracismo social e de outras ações reativas de retaliação pelos pares” (Villaça & Palácios, 2010, p. 507).

Segundo Bandeira e Hutz (2012), dos 390 alunos de escolas de Porto Alegre que disseram ter sido testemunhas de *bullying*, 8% não fizeram nada, 6% pediram aos agres-

sores que parassem e 15,7% ajudaram a vítima e pediram ajuda na escola. Neto (2005) e A. Silva (2010) revelam-nos que, por distintos motivos, a maioria das testemunhas finge não ver as agressões, pois sente medo de passar a ser o alvo. Assim, têm-se as seguintes premissas do estudo:

P₃. O *bullying* no ensino superior é visto, pelos estudantes, como uma forma de brincadeira, algo engraçado.

P₄. A maioria das testemunhas não denuncia as práticas de *bullying*.

Nogueira (2007) e Toro, Neves, e Rezende (2010) afirmam que a maior incidência do *bullying* é na sala de aula e no intervalo das aulas. Miranda e cols. (2012) identificaram que as manifestações de *bullying* na Universidade Federal de Rondônia ocorrem, principalmente, nas salas de aula (6,1%) e corredores e escadas (5,1%), suscitando a quinta premissa:

P₅. A maior ocorrência de casos de *bullying* é na sala de aula e no intervalo entre as aulas.

Dentre as várias consequências do *bullying*, uma delas é o baixo rendimento escolar e aprendizado (Silva & Morgado, 2011). Levandoski (2009), utilizando uma amostra de 337 alunos da 6ª série do ensino fundamental de escolas públicas de Santa Catarina, identificou correlação entre o fato de o estudante estar envolvido em *bullying* e baixo desempenho escolar. Carvalhosa, Lima e Matos (2002) ressaltam que os estudantes que praticam o *bullying* são muitas vezes hiperativos, têm dificuldades de atenção, menor inteligência e desempenho escolar deficiente. Os professores participantes da pesquisa realizada por Silva e Rosa (2013, p. 334) afirmaram que “o *bullying* é um fenômeno decisivo de influência enorme do processo ensino-aprendizagem do aluno”. Dessa forma, surge a premissa:

P₆. O *bullying* sofrido, praticado e testemunhado, na percepção dos estudantes, afeta o rendimento acadêmico.

As práticas do *bullying* também podem estar relacionadas com a discriminação racial. Secundo (2007), Silva & Morgado (2011) e Miranda e cols. (2012) identificaram casos envolvendo *bullying* racial, ofensas com relação à cor/raça dos estudantes, principalmente envolvendo vítimas negras. Na pesquisa realizada pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), envolvendo 501 escolas de 27 estados, os resultados sugerem que 19% dos 18.599 respondentes eram vítimas de *bullying* por serem

negras (Silva & Morgado, 2011). Diante disso, a sétima premissa do estudo é:

P₇ - Os estudantes de cor negra são as principais vítimas do *bullying* racial.

Discussão dos Resultados

A caracterização dos respondentes é apresentada na Tabela 2. Observa-se que a quantidade dos respondentes, em relação ao período em que se encontram no curso, está

pulverizada entre os primeiros e os últimos períodos. Dentre os respondentes, em relação ao gênero, 62% são do sexo feminino e 38% do sexo masculino. Além disso, 96% dos respondentes optaram pela heterossexualidade e a maior parte da amostra (63%) se declarou de cor branca e possui idade média de aproximadamente 21 anos.

Na Tabela 3 é apresentada a ocorrência do *bullying* por gênero e tipo. A coluna “Q” representa a quantidade de respondentes que afirmaram ter sido vítima, testemunha ou praticado alguma(s) da(s) de situações de *bullying* exibidas na Figura 2.

Tabela 2. Caracterização da Amostra.

	Curso						Total
	Ciências Contábeis		Administração				
	Quant.	%	Quant.	%	Quant.	%	
Período	primeiro	44	11%	33	9%	77	10%
	segundo	38	9%	50	14%	88	11%
	terceiro	49	12%	37	10%	86	11%
	quarto	33	8%	62	17%	95	12%
	quinto	59	15%	29	8%	88	11%
	sexto	34	8%	43	12%	77	10%
	sétimo	46	11%	39	11%	85	11%
	oitavo	32	8%	37	10%	69	9%
	nono	35	9%	24	7%	59	8%
	décimo	34	8%	14	4%	48	6%
	Total	404	100%	368	100%	772	100%
Gênero	feminino	228	56%	230	63%	458	62%
	masculino	177	44%	138	38%	315	38%
	Total	405	100%	368	100%	773	100%
Sexual	bissexual	2	0%	3	1%	5	1%
	heterossexual	392	97%	351	95%	743	96%
	homossexual	11	3%	14	4%	25	3%
	Total	405	100%	368	100%	773	100%
Cor	amarelo	8	2%	11	3%	19	2%
	branco	252	62%	237	64%	489	63%
	cafuzo	2	0%	1	0%	3	0%
	índio	0	0%	1	0%	1	0%
	moreno	23	6%	19	5%	42	5%
	mulato	0	0%	1	0%	1	0%
	negro	24	6%	21	6%	45	6%
	pardo	96	24%	77	21%	173	22%
	Total	405	100%	368	100%	773	100%
Idade (média)			21,90		21,89		21,72

Tabela 3. Tipos de *Bullying* por Gênero

Gên	Tipos	Vítima			Praticante			Testemunha			Não Vivencie		
		Q	% Q	% T	Q	% Q	% T	Q	% Q	% T	Q	% Q	% T
Fem	C	139	32%	2%	118	33%	1%	673	33%	8%	2326	38%	27%
	S	25	6%	0%	7	2%	0%	177	9%	2%	707	12%	8%
	V	170	39%	2%	145	44%	2%	672	33%	8%	1023	17%	12%
	R	11	3%	0%	9	3%	0%	123	6%	1%	317	5%	4%
	MF	35	8%	0%	21	6%	0%	153	7%	2%	717	12%	8%
	P	52	12%	1%	43	12%	0%	245	12%	3%	982	16%	11%
	Total	432	100%	5%	343	100%	4%	2.043	100%	23%	6.072	100%	70%
Mas	C	114	26%	2%	206	31%	3%	542	33%	9%	1443	39%	24%
	S	15	3%	0%	19	3%	0%	150	9%	3%	447	12%	7%
	V	185	43%	3%	249	41%	5%	511	31%	9%	557	15%	9%
	R	17	4%	0%	14	2%	0%	100	6%	2%	193	5%	3%
	MF	45	10%	1%	60	9%	1%	130	8%	2%	440	12%	7%
	P	55	13%	1%	90	14%	2%	205	13%	3%	603	16%	10%
	Total	431	100%	7%	638	100%	11%	1.638	100%	27%	3.683	100%	62%
Total	C	253	29%	2%	324	32%	2%	1215	33%	8%	3769	39%	26%
	S	40	5%	0%	26	3%	0%	327	9%	2%	1154	12%	8%
	V	355	41%	2%	394	42%	3%	1183	32%	8%	1580	15%	11%
	R	28	3%	0%	23	2%	0%	223	6%	2%	510	5%	3%
	MF	80	9%	1%	81	8%	1%	283	8%	2%	1157	12%	8%
	P	107	12%	1%	133	13%	1%	450	12%	3%	1585	17%	11%
	Total	863	100%	6%	981	100%	7%	3.681	100%	25%	9.755	100%	66%

Nota. Gên = gênero; Fem = feminino; Masc = masculino; C = *cyberbullying*; S = sexual; V = verbal; R = racial; MF = material e físico; P = psicológico.

Na coluna “%Q”, linha “C” da Tabela 3, por exemplo, é apresentado o percentual de respondentes que afirmaram ter praticado algumas das situações de *cyberbullying* mostradas na Figura 2 em relação à quantidade total exposta na coluna “Q”. O percentual na coluna “%T” foi obtido por meio da divisão da quantidade de respondentes “Q” pelo número máximo de observações (MO) apurado na Tabela 4. Assim,

por meio do “%T”, é possível comparar os resultados obtidos para os gêneros feminino e masculino.

Com base na Tabela 3, os respondentes do gênero masculino (11,0%) praticaram mais *bullying* do que os estudantes do sexo feminino (4,1%), o que permite confirmar a premissa P₁. Esses resultados corroboram os estudos de Silva e Morgado (2011) e Mahmud e cols. (2014), os quais

Tabela 4. Número máximo de observações.

Respondentes	Quant. (A)	Quant. De Situações Figura 2 (B)	Nº Máximo de Observações – MO ©
Feminino	458	19	8.702
Masculino	315	19	5.985
Total	773	38	14.687

afirmam que os estudantes do sexo masculino praticam mais *bullying* se comparados com as estudantes do sexo feminino. Além disso, os homens superam na prática de todos os tipos de *bullying* (*cyberbullying*, sexual, verbal, racial, material e físico e psicológico) em relação às mulheres, confirmando os achados de Silva e cols. (2013). Assim, a premissa P_2 é aceita nesta pesquisa, sugerindo que os homens praticam mais *bullying* verbal, físico e material do que as mulheres.

Na Tabela 5 são apresentados os resultados por tipo de *bullying* e perguntas do questionário discriminadas na Figura 2. É possível identificar que as principais situações envolvendo o *cyberbullying* (para as vítimas, os praticantes e as testemunhas), na percepção dos estudantes, são aquelas apresentadas nas questões 5 (ofender pela internet ou telefone) e 6 (excluir colegas de jogos ou grupos *online*).

Observação: C = *cyberbullying*; S = sexual; V = verbal; R = racial; MF = material e físico; P = psicológico.

Um aspecto interessante é o fato de poucos discentes da amostra declararem terem sido vítimas (apenas 40 alunos) ou praticantes (apenas 26 alunos) de *bullying* sexual, enquanto 327 alunos terem se declarado testemunhas desse tipo de *bullying* (Tabela 5). O mesmo ocorreu com relação ao *bullying* racial, material e físico (maior o número de

testemunhas em relação aos praticantes e vítimas). De acordo com Miranda e cols. (2012), o *bullying* racial não pode ser visto apenas como *bullying* em si, pois se constitui em crime com penalidade para os agressores. O mesmo ocorre com o *bullying* sexual e os danos materiais e físicos. Tal fato pode ter inibido os estudantes de se declararem praticantes de *bullying* sexual, racial, material e físico, sugerindo a necessidade de mais pesquisas sobre o tema.

Quanto ao *bullying* verbal, a maioria dos estudantes declarou ter sido vítima, praticante e/ou testemunha nas situações evidenciadas nas questões 10 (colocar apelidos vexatórios) e 12 (insultar por causa de alguma característica física). Marta e cols. (2013, p. 266) ressaltam que esses tipos de *bullying* “podem ser tidos como “normais”, no máximo confundidos com brincadeiras de mau gosto, sem se atentar para as graves seqüelas psicológicas provocadas contra as vítimas”.

No que se refere à percepção dos estudantes sobre a influência do *bullying* no rendimento acadêmico, 81% das vítimas, 88% dos praticantes e 82% das testemunhas declararam que o *bullying* sofrido, praticado e testemunhado, respectivamente (Tabela 6), não afeta o rendimento acadêmico, não confirmando a premissa P_6 .

Tabela 5. Tipos de Bullying por Questão.

Tipo	Questões	Vítima			Praticante			Testemunha			Não Vivenciei		
		Q	% Q	% T	Q	% Q	% T	Q	% Q	% T	Q	% Q	% T
C	1	20	8%	0%	9	3%	0%	69	6%	0%	685	18%	5%
	2	34	13%	0%	22	7%	0%	89	7%	1%	634	17%	4%
	3	17	7%	0%	30	9%	0%	173	14%	1%	565	15%	4%
	4	33	13%	0%	38	12%	0%	198	16%	1%	521	14%	4%
	5	73	29%	0%	77	24%	1%	268	22%	2%	400	11%	3%
	6	53	21%	0%	118	36%	1%	227	19%	2%	423	11%	3%
	7	23	9%	0%	30	9%	0%	191	16%	1%	541	14%	4%
	Geral	253	100%		324	100%		1.215	100%		3.769	100%	
S	8	27	68%	0%	12	46%	0%	104	32%	1%	632	55%	4%
	9	13	33%	0%	14	54%	0%	223	68%	2%	522	45%	4%
	Geral	40	100%		26	100%		327	100%		1.154	100%	
V	10	114	32%	1%	138	35%	1%	320	27%	2%	358	23%	2%
	11	47	13%	0%	47	12%	0%	271	23%	2%	448	28%	3%
	12	119	34%	1%	102	26%	1%	327	28%	2%	350	22%	2%
	13	75	21%	1%	107	27%	1%	266	22%	2%	424	27%	3%
	Geral	355	100%		394	100%		1.183	100%		1.580	100%	
R	14	28	100%	0%	23	100%	0%	223	100%		510	100%	3%
MF	15	41	51%	0%	57	70%	0%	147	52%	1%	570	49%	4%
	16	39	49%	0%	24	30%	0%	136	48%	1%	587	51%	4%
	Geral	80	100%		81	100%		283	100%		1.157	100%	
P	17	13	12%	0%	14	11%	0%	79	18%	1%	660	40%	4%
	18	43	40%	0%	27	21%	0%	134	30%	1%	592	36%	4%
	19	51	48%	0%	92	68%	1%	237	53%	2%	333	24%	3%
	Geral	107	100%		133	100%		450	100%		1585	100%	
Total		863		981		3681		9755					

Tabela 6. Bullying e o Rendimento Acadêmico

	Sim	%	Não	%	Não sei	%	Total
Vítima	28	10%	234	81%	27	9%	289
Praticante	6	3%	210	88%	23	10%	239
Testemunha	15	3%	450	82%	86	16%	551
Total	49		894		136		1079

Este resultado difere do que aponta a literatura (Neto, 2005; Silva & Morgado, 2011; Silva & Rosa, 2013). Para esses autores, uma das consequências do *bullying* é o baixo rendimento escolar. Essa divergência com os resultados encontrados na literatura pode estar relacionada à mudança de cenário (do ensino fundamental e médio na literatura para o ensino superior nesta pesquisa), ou os estudantes que fizeram parte da amostra desta pesquisa não estão percebendo que o *bullying* afeta o rendimento acadêmico, fazendo-se necessários mais testes que comprovem este fato.

Em relação à etnia dos respondentes, 65% se declaram brancos, 22% pardos, 6% negros (Tabela 2). Das respostas coletadas (Tabela 7), 1% dos respondentes que se declarou branco foi vítima de *bullying*. Quanto aos que se declaram negros, 20% foram vítimas. Dos que se con-

sideraram pardos, 5% foram vítimas de *bullying*. De acordo com os resultados, o *bullying* racial pode estar relacionado com a etnia, pois o maior percentual de vítimas pertence à raça negra. Esses resultados são semelhantes àqueles encontrados na pesquisa realizada pelo MEC em parceria com a FIPE e o INEP (Silva & Morgado, 2011), confirmando a premissa P_7 deste estudo.

A maior incidência de *bullying* (29%) dá-se na sala de aula, na qual 27% foram praticantes e 27% foram testemunhas (Tabela 8). Em seguida, durante os intervalos das aulas nos quais 23% foram vítimas, 26% foram praticantes e 23% foram testemunhas. Esses resultados estão alinhados com aqueles das pesquisas de Nogueira (2007) e Toro e cols. (2010), permitindo aceitar a premissa P_5 .

Tabela 7. Bullying Racial por Etnia

	Amarelo		Branco		Cafuzo		Índio		Moreno		Mulato		Negro		Pardo	
Vítima	0	0%	5	1%	0	0%	0	0%	4	9%	0	0%	11	20%	8	5%
Praticante	0	0%	12	2%	1	33%	0	0%	1	2%	0	0%	3	6%	6	3%
Testemunha	1	5%	140	29%	0	0%	0	0%	14	31%	0	0%	16	30%	52	30%
Não vivenciei	18	95%	329	68%	2	67%	1	100%	26	58%	1	100%	24	44%	109	62%
Total	19	100%	486	100%	3	100%	1	100%	45	100%	1	100%	54	100%	175	100%

Quando perguntados sobre os motivos pelos quais alunos e professores praticam *bullying*, 49% dos respondentes (Tabela 9) afirmaram que os alunos o fazem por brincadeira, assim como 30% dos respondentes também acreditam que os professores cometem *bullying* por essa mesma razão.

De acordo com Lisboa e cols. (2009) e Villaça e Palácios (2010), o *bullying* não pode ser equivocado com brincadeiras, nem como uma situação comum e natural, pois causa sofrimento para todos os envolvidos. Bandeira e Hutz (2012) revelam que os possíveis motivos para as práticas de *bullying* são preconceito, falta de respeito, porque os agressores não são punidos e que os meninos

acreditam que o *bullying* ocorre por brincadeira ou porque o agressor é mais forte.

Foi questionado aos praticantes de *bullying* qual o sentimento em relação à vítima (Tabela 10). Na opinião dos praticantes, 40% dos respondentes acharam engraçado, fato que pode estar relacionado ao *bullying* ser visto como uma brincadeira, não se dando conta da gravidade do problema. Esses resultados apontam que o *bullying* pode estar sendo confundido com uma brincadeira, sendo considerado algo engraçado pelos praticantes, o que permite aceitar a P_3 .

Foi interrogado também para as testemunhas de *bullying* qual o sentimento e reação em relação às vítimas (Tabela 11).

Tabela 8. Onde Ocorrem Práticas de *Bullying*.

	Vítimas	%	Praticante	%	Testemunhas	%
Na sala de aula	194	29%	166	27%	387	27%
Durante o Intervalo das aulas	150	23%	159	26%	322	23%
Corredores e escadas	93	14%	99	16%	208	15%
Restaurantes universitários e cantinas	45	7%	50	8%	68	5%
Banheiros	21	3%	21	3%	47	3%
Redes Sociais	108	16%	83	13%	255	18%
Trote universitário	38	6%	31	5%	114	8%
Outros	12	2%	8	1%	13	1%
Total	661	100%	617	100%	1414	100%

Tabela 9. Causas da Prática do *Bullying*.

	Por Alunos		Por Professores	
Por brincadeira	186	49%	103	30%
Porque são mais fortes	16	4%	71	19%
Porque são provocados	16	4%	20	5%
Porque querem ser populares	62	16%	17	6%
Porque a vítima é diferente dos outros	24	6%	8	2%
Porque a vítima merece castigo	7	2%	3	0%
Porque não são punidos	36	9%	63	19%
Não Sei	21	6%	46	15%
Outros	13	3%	10	2%
Total	381	100%	341	100%

Foi identificado que 58% das testemunhas não fizeram nada ao ver alguém sendo vítima de *bullying*, confirmando a premissa P_4 . De acordo com Neto (2005), Silva (2010a) e Bandeira e Hutz (2012) a maioria das testemunhas finge não ver as agressões, pois sente medo de passar a ser o alvo. Villaça e Palácios (2010) asseveram que é rara a denúncia do *bullying*, uma vez que o delator poderia ser vítima de potenciais ameaças e retaliações.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo analisar a incidência do *bullying* nos cursos de Ciências Contábeis e Administração em duas universidades públicas mineiras. O

Tabela 10. Sentimento dos Praticantes de *Bullying*.

Foi engraçado	133	40%
Acho que eles fariam o mesmo comigo	64	19%
Não senti nada	49	15%
Senti que eles mereciam aquilo	38	11%
Senti pena do colega depois que fiz	38	11%
Me senti bem	12	4%
Total	334	100%

Tabela 11. Sentimento das Testemunhas de *Bullying*.

Não fiz nada	350	58%
Pedi aos agressores que parassem	117	19%
Eu socorri o colega	43	7%
Eu não ajudei e gostei de ver	39	6%
Pedi ajuda	24	4%
Outros	16	3%
Apoiei o agressor	10	2%
Nunca vi ninguém sofrendo <i>Bullying</i>	7	1%
Total	606	100%

questionário da pesquisa foi respondido por 773 estudantes matriculados nesses cursos no 2º semestre letivo de 2014.

Os resultados sugerem que: os estudantes do sexo masculino praticam mais *bullying* do que aqueles do sexo feminino; o *bullying* racial pode estar relacionado com a etnia, pois o maior percentual de vítimas pertence à raça negra; a maior incidência de *bullying* dá-se na sala de aula; a maioria dos estudantes pode estar confundido o *bullying* com brincadeiras; na opinião da maioria dos agressores a prática do *bullying* é engraçada; a maioria das testemunhas de atos de *bullying* não fez nada ao presenciá-los, pois sente medo de passar a ser o alvo dos agressores.

O fato de os estudantes considerarem que os agressores praticam o *bullying* por brincadeira e o fato de os agressores acharem engraçada essa prática pode ressaltar a necessidade de mais reflexões sobre o tema, de mais esclarecimentos e métodos de prevenção e combate desses atos de violência. Além disso, na percepção da maioria dos estudantes desta pesquisa, o *bullying* não afeta o rendimento acadêmico. Contudo, vale ressaltar que essa percepção pode estar enviesada pelo fato de o *bullying* estar sendo visto como algo normal, uma brincadeira, pela maioria dos respondentes. Assim, pode ser que os alunos, principalmente as vítimas, não consigam avaliar adequadamente o efeito negativo do *bullying* sobre o desempenho, necessitando que mais estudos sejam desencadeados no sentido de confrontar os períodos em que os discentes apontam que sofreram *bullying* com o desempenho escolar.

Esta pesquisa fornece evidências de que o *bullying* ocorre não apenas no ensino fundamental e médio, mas também atinge os estudantes do ensino superior. O *bullying* no contexto universitário merece atenção, pois as consequências são graves, seja para crianças ou para jovens. Neste sentido, mais ações e pesquisas sobre a ocorrência desse fenômeno no ensino superior devem ser realizadas por profissionais, principalmente das áreas de Educação e Psicologia. Uma vez que as práticas de *bullying* podem fun-

cionar como entraves ao processo de ensino-aprendizagem, a Psicologia Escolar e Educacional é convocada pela sociedade para refletir criticamente sobre formas de identificar, prever e combater esse fenômeno no âmbito escolar.

Enfatiza-se a relevância de pesquisas sobre o *bullying* no contexto universitário, pois investigações nesse ambiente são escassas. Assim, investigações futuras podem testar as premissas elencadas neste estudo em outras universidades e cursos superiores, bem como avaliar se existe relação entre a prática do *bullying* no ensino superior com a prática desse fenômeno no ensino fundamental e médio. Além disso, seria relevante testar a relação entre a prática do *bullying* com o desempenho e a evasão no ensino superior.

Referências

- Azevedo, J. C., Miranda, F. A. D., & Souza, C. H. M. D. (2013). Reflexões acerca das estruturas psíquicas e a prática do Cyberbullying no contexto da escola. *Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 35(2).
- Bandeira, C. M. & Hutz, C. S. (2012). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 35-44.
- Belsey, B. (2005). *Cyberbullying: An emerging threat to the "always on" generation*. Recuperado: 01 jul. 2015. Disponível: <http://www.cyberbullying.ca>.
- Calhau, L. B. (2010). *Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão*. Niterói, RJ: Impetus.
- Campos, L. C., Machado, T. R. B, Miranda, G. J., & Costa, P. S. (2015). Cotas Sociais, Ações Afirmativas e Evasão no Ensino Superior: Análise Empírica em uma Universidade Pública Brasileira. *XV Congresso USP Controladoria e Contabilidade*. São Paulo: USP.

- Canavêz, F. (2015). A escola na contemporaneidade: uma análise crítica do bullying. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 19 (2), 271-278.
- Caran, V. C. S., Sêcco, I. A. O., Barbosa, D. A., & Robazzi, M. L. C. (2010). Assédio moral entre docentes de instituição pública de ensino superior do Brasil. *Acta Paulista de Enfermagem*, 23(6), 737-744.
- Carvalhosa, S. F., Lima, L., & de Matos, M. G. (2002). Bullying – A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 20(4), 571-585.
- Cunha, J. V. A., De Luca, M. M. M., Lima, G. A. S. F., Cornacchione Jr, E. B., & Ott, E. (2015). Quem está ficando para trás? Uma década de evasão nos cursos brasileiros de graduação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 9(2).
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. São Paulo, Versus Editora.
- Fante, C. & Pedra, J. A. (2008). *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre, Artmed.
- Freire, I. P., Simão, A. M. V., & Ferreira, A. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 157-183.
- Geronasso, J. E. S. & Ens, R. T. (2012). Bullying: políticas e representações sociais de professores da escola básica. *Revista Brasileira de pesquisa sobre formação docente*, 4(6), 56-70.
- Gomes, A. E. G. & Rezende, L. K. (2011). Reflexões sobre bullying na realidade brasileira utilizando a técnica de análise de conteúdo: revisão bibliográfica. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 11(1), 112-119.
- Guimarães, M. E. & Paula, V. (1992). Cotidiano escolar e violência. Em A. Zaluar (Org.), *Violência e educação* (pp. 125-135). São Paulo: Livros do Tatu/ Cortez.
- Leão, L. G. R. (2010). O fenômeno *bullying* no ambiente escolar. *Revista FACEVV*, 4, 119-135.
- Levandoski, G. (2009). *Análise de fatores associados ao comportamento bullying no ambiente escolar: Características cineantropométricas e psicossociais*. Dissertação de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Lima, J. D. S. & Lucena, F. (2009). Bullying e suas Implicações no Processo de Ensino aprendizagem: procedimentos para o descomprometimento do cidadão com o social. *Revista Ágora*, 4, 6-18.
- Lisboa, C., Braga, L. D. L., & Ebert, G. (2009). O fenômeno *bullying* ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2(1), 59-71.
- Mahmud, S., Bakar, Z. B. A., & Djaffri, H. B. (2014). Bullying Type in Gender Perspective in Senior High School Students, South Sulawesi Province, Indonesia. *International Journal for Innovation Education and Research*, 2(12), 39-47.
- Marriel, L. C., Assis, S. G., Avanci, J. Q., & Oliveira, R. V. (2006). Violência escolar e autoestima de adolescentes. *Cadernos de pesquisa*, 36(127), 35-50.
- Marta, T. N., Garcia, E. M. S., & Vecchiatti, P. R. L. (2013). Bullying nas instituições de ensino superior. *Revista Argumenta Journal Law*, (18), 261-272.
- Miranda, M. I. F., Oliveira, T. R., Barreto, P. D. T., Ferriani, M. D. G. C., Santos, M. A. M., & Neto, D. L. (2012). Conduta de acadêmicos de uma universidade da região amazônica frente ao *bullying*. *Enfermagem em Foco*, 3(3).
- Nascimento, V. L. S. (2003). *Base legal para ação de vigilância em Saúde do trabalhador na questão assédio moral*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Neto, A. A. L. (2005). *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 1-12.
- Nogueira, R. M. C. Del P. A. (2007). *Violências nas escolas e juventude: um estudo sobre o bullying*. Tese de Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.
- Prim, A. L. & Fávero, J. D. (2013). Motivos da evasão escolar nos cursos de ensino superior de uma faculdade na cidade de Blumenau. *Revista E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial*, n. Especial Educação, 53-72.
- Raimundo, R. & Seixas, S. (2009). Comportamentos de *bullying* no 1º ciclo: estudo de caso numa escola de Lisboa. *Revista Interações*, 5(13), 164-186.
- Rigby, K. (2007). *Bullying in schools and what to do about it: revised and updated*. Aust Council for Ed Research.
- Rolim, M. (2008). *"Bullying": o pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer*. Dissertação de mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.
- Salvador, L. (2002). *Assédio moral: doença profissional que pode levar a incapacidade e até a morte; direito e justiça*. Curitiba: O Estado do Paraná.

- Secundo, L. C. F. V. (2007). *Trote universitário e o fenômeno bullying*. 2. ed. Rio de Janeiro: Impetus.
- Silva, A. B. B. (2010). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Silva, A. C. B. & Morgado, M. A. (2011). Bullying no ensino superior: existe?. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, 11(3).
- Silva, E. N. & Rosa, E. C. S. (2013). Professores sabem o que é bullying?: um tema para a formação docente. *Psicologia Escolar e Educacional*, 17 (2).
- Silva, F. D. (2010). *O bullying e seus reflexos no processo de ensino-aprendizagem*. Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Silva, G. J. (2006). *Bullying: quando a escola não é um paraíso*. *Jornal Mundo Jovem*. Recuperado: 01 set. 2015. Disponível: <http://www.mundojovem.com.br/bullying.php>.
- Silva, J. L. & Mascarenhas, S. A. N. (2010). Gestão do *bullying* e *cyberbullying* na universidade-desafios para a orientação educativa e convivência social e ética no ensino superior-estudo com estudantes da UFAM/Brasil. *Amazônica*, 5(2), 46-55.
- Silva, M. A. I, Pereira, B., Mendonça, D., Nunes, B., & Oliveira, W. A. D (2013). O envolvimento de meninas e meninos com o *bullying*: uma análise das diferenças de gênero. *Revista Internacional de Pesquisa do ambiente e da saúde pública*, 10 (12).
- Souza, C. A. (2009). A relação entre a escala e o custo médio por aluno no ensino superior privado de Belo Horizonte. *Contabilidade Vista & Revista*, 17(2), 111-132.
- Stelko-Pereira, A. C. & Williams, L. C. A. (2012). Desenvolvimento de rede para enfrentar o bullying: lições canadenses. *Psicologia Escolar e Educacional*, 16(2), 349-351.
- Toro, G. V. R., Neves, A. S., & Rezende, P. C. M. (2010). Bullying, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. *Psicologia: teoria e prática*, 12(1), 123-137.
- Villaça, F. M. & Palácios, M. (2010). Concepções sobre assédio moral: bullying e trote em uma escola médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 34(4), 506-514.

Recebido em: 02/12/2015
 Reformulado em: 24/07/2016
 Aprovado em: 02/08/2016

Sobre as autoras

Kellma Bianca Cardoso Fonseca (kell_bianca1994@hotmail.com)
 Graduada em Ciências Contábeis. Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Marina Dibo Micucci (marinadibo@gmail.com)
 Graduada em Ciências Contábeis. Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Patrícia de Souza Costa (patricia@facic.ufu.br)
 Doutora em Controladoria e Contabilidade pela FEA /USP. Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Sirlei Lemes (sirlemes@uol.com.br)
 Doutora em Controladoria e Contabilidade pela FEA /USP. Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Nálbia de Araújo Santos (nalbiaas@yahoo.com.br)
 Doutora em Controladoria e Contabilidade pela FEA /USP Universidade Federal de Viçosa - UFV

Jacqueline Veneroso Alves da Cunha (jvacbr@terra.com.br)
 Doutora em Ciências Contábeis pela FEA /USP. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG